

**A DAMA DE FERRO: MULHERES TOKENS NA POLÍTICA**  
**THE IRON LADY: TOKEN WOMEN IN POLITICS**

Francisca Grazielle Alves da Silva  
Concludente do curso de Administração  
Universidade Federal do Cariri  
graziele.alves@aluno.ufca.edu.br  
(88) 988328108

Rebeca da Rocha Grangeiro  
Professora Dra. do curso de Administração  
Universidade Federal do Cariri  
rebeca.grangeiro@ufca.edu.br  
(88) 981120100

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo examinar comportamentos de mulheres *tokens* na política e as barreiras de gêneros que elas enfrentam nos contextos familiar e de trabalho, por meio da análise do filme *The Iron Lady*. As categorias temática criadas são traços *agency*, aproximação e distanciamento dos estereótipos de gênero, suporte na carreira e barreiras e desafios. A partir das categorias foram apresentados comportamentos da protagonista a exemplo da preferência pela companhia de homens, forte impulso de realização e inflexibilidade. Ao mesmo tempo em que se aproximava do estereótipo feminino quanto a sua aparência física e vestimentas. O filme também retrata os suportes com os quais Margreth contou ao longo de sua carreira. Sua carreira é repleta de desafios que se impuseram por causa de seu gênero, elemento abordado pela última categoria. O fato de ser a única mulher, aderir comportamentos *agency* e ao mesmo tempo resguardar comportamentos estereotipadamente femininos ilustram o efeito *token*, ao passo que as experiências de discriminação compreendem as consequências negativas de suas escolhas em prol da carreira.

**Palavras-chave:** Mulheres. Política. Tokenism. Backlash. Análise fílmica.

**ABSTRACT**

This article aims to examine token women's behaviors in politics and the gender barriers they face in family and work contexts through analysis of the film *The Iron Lady*. The thematic

categories created are agency traits, approach and departure from gender stereotypes, career support, and barriers and challenges. From the categories, protagonist's behaviors were presented such as the preference for the company of men, strong drive for achievement and inflexibility. At the same time she approached the female stereotype in her physical appearance and clothing. The film also portrays the support Margreth relied on throughout her career. Her career is filled with challenges that were imposed because of her gender, an element addressed by the last category. Being the only woman, adhering to agency behaviors, and at the same time guarding stereotypically feminine behaviors illustrate the token effect, while the experiences of discrimination comprise the negative consequences of her career choices.

**Keywords:** Women. Policy. Tokenism. Backlash. Film analysis.

## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo, por meio do exame de uma obra cinematográfica, apresenta reflexões sobre mulheres *tokens* na política e as barreiras de gênero com as quais elas se deparam nas relações de trabalho. A pesquisa em Administração, de modo cada vez mais recorrente, utiliza-se de recursos originários da arte (FISCHER et al., 2007), a exemplo da literatura, imagens fotográficas e as artes cênicas. Sobre estas últimas, crescente é a possibilidade de se encontrar nos filmes a oportunidade de se identificar questões ligadas ora à gestão ora às organizações. É este o caso de temas como o lugar da mulher no mundo do trabalho.

Conforme Oliveira e Cassab (2014), os movimentos feministas que reivindicavam direito as mulheres tiveram início com a Revolução Francesa, época em que os ideais iluministas de liberdade estavam em alta.

O feminismo é um movimento moderno, que surge a partir do contexto das ideias iluministas (1680-1780), com a Revolução Francesa (1789-1799) e Americana (1775-1781), reivindicando direitos sociais e políticos, com maior ênfase para a luta sufragista, através da mobilização de mulheres de vários países (OLIVEIRA; CASSAB, 2014, p. 1).

O Iluminismo serviu como ponto de partida para formar na consciência das mulheres a ideia de que não possuíam direitos e que não se encontravam no mesmo nível dos homens, sendo consideradas inexistentes na vida social e política (YUKIZAKI, 2014). Como a criação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão não mudou a situação de desigualdade entre homens e mulheres, elas se movimentaram em busca de seus direitos.

Identificam-se, no século XIX e início do século XX, diversos movimentos da classe operária que incluíam as mulheres. Nesse período, elas reivindicavam melhores salários, redução das jornadas e proibição do trabalho infantil (BLAY, 2001). Denominados como a

primeira onda feminista, os movimentos se concentravam, principalmente, na Inglaterra e nos Estados Unidos mas, ocorreram em todo o mundo, inclusive no Brasil.

No período pós-guerra as mulheres buscavam mudanças para os problemas enfrentados por elas dentro de casa, a exemplo da violência doméstica. Questão que até então não era discutida no âmbito público. A inserção de questões familiares nas pautas do movimento demarca o início da segunda onda feminista.

A segunda onda inicia-se no período pós-guerra, em que carregavam um lema “o político é pessoal”; esse lema se referia aos acontecimentos dentro do âmbito familiar que recebia uma intervenção da esfera pública e as mulheres que estavam envolvidas no movimento feminista buscavam por mudanças, abordavam em suas pautas a questão da violência social e doméstica que as mulheres sofriam, afirmando que essa questão deveria ser tratada pela esfera pública em busca de soluções (MARQUES; XAVIER, 2018, p. 4).

Entre as décadas de 60 e 80, do século XX, os movimentos femininos passaram a abordar a opressão da mulher, a sexualidade, a construção cultural de gênero e dominação (MARQUES; XAVIER, 2018, p. 5). Os estudos de gênero começam a surgir e, a partir da década de 90, os movimentos abordavam questões de raça, classe e exclusão das minorias, buscando entender as diferenças entre os problemas enfrentados pelas mulheres de classe média, brancas e héteros e as mulheres negras, de classe baixa e homossexuais.

No Brasil, o exemplo mais antigo de luta pela representatividade das mulheres na política é o de Nísia Floresta, considerada a primeira feminista no Brasil (ITAQUY, 2015). Abolicionista, republicana e escritora nordestina, defendeu abertamente o direito de as mulheres terem acesso à mesma educação que os homens (ANDRADE; MACHADO, 2017) em pleno século XIX, quando as mulheres só podiam aprender a costurar, cuidar do lar, a ter boas maneiras e as virtudes morais de uma boa mãe e esposa (MATUOKA, 2017).

Ainda no século XIX, no Ceará, as mulheres criaram a Sociedade das Senhoras Libertadoras, o que impulsionou o debate no estado e ajudou na abolição da escravidão na província, em 1884 (ANDRADE; MACHADO, 2017). Já no século XX, no Rio de Janeiro, as mulheres criaram o Partido Republicano Feminino, partido que objetivava representar e integrar as mulheres na sociedade política (MELO; MARQUES, 2016).

Coelho e Baptista (2009) afirmam que foi por influência da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF) que a constituição de 1934 instituiu para as mulheres, finalmente, o direito de votar e ser votada. A Federação que foi fundada em 1922 defendia os direitos políticos das mulheres e prioritariamente o sufrágio feminino.

Na década de 60, por sua vez, as mulheres brasileiras lutavam por abertura democrática e demandas sociais (COELHO; BAPTISTA, 2009, p. 92). A década de 70 foi marcada pela luta contra a ditadura militar que promoveu um retrocesso tanto para as mulheres como para o país como um todo. Do final da década de 80 em diante, com o início do governo democrático, as reivindicações feministas começaram a ser levadas a órgãos públicos, como as Delegacias das Mulheres e os Conselhos Estaduais da Condição Feminina (COELHO; BAPTISTA, 2009, p. 93).

Apesar do progresso feito pelas mulheres ao longo dos anos, muitas ainda são as únicas representantes em suas carreiras ou em seus ambientes de trabalho e por isso são consideradas símbolos ou *tokens*. O *Tokenism* ocorre quando grupos minoritários assumem posições que costumam lhes ser negadas pelos grupos dominantes (AMORELLI; GARCÍA-SÁNCHEZ, 2020). Quando mulheres ocupam esses espaços majoritariamente masculinos, sobretudo postos no topo da hierarquia de uma carreira, elas sofrem represálias ou reações negativas por violarem as expectativas de gênero (CORRELL et al., 2020). As represálias ou reações negativas são denominadas na literatura de gênero como efeito *Backlash* (CORRELL et al., 2020).

Nesse sentido, observa-se que tal efeito ocorre com muita frequência na política, onde há uma baixa representatividade feminina, em 2018, por exemplo, apenas 24% dos cargos políticos mundiais foram ocupados por mulheres (FERNANDES et al., 2020). Diante do fato de as mulheres, mesmo após mais de um século de sufrágio, ainda serem consideradas *tokens* em cargos político, propõe-se como objetivo deste manuscrito examinar comportamentos de mulheres *tokens* na política e as barreiras de gêneros que elas enfrentam nos contextos familiar e de trabalho, por meio da análise do filme *The Iron Lady*.

Por meio da análise do contexto no qual a protagonista do filme está inserida, das situações que ela vivencia, da forma como ela se comporta e se expressa, o presente estudo pretende contribuir para entender como o fenômeno denominado *tokenism* acontece e ele impacta carreiras femininas. Por sua vez, o uso de um filme como objeto de estudo se justifica pois as obras cinematográficas refletem a sociedade do período em que foram produzidos

(PANAYIOTOU, 2010) e analisá-los auxilia na compreensão de aspectos culturais que envolvem a mulher em contextos de trabalho predominantemente masculinos e na identificação dos aspectos que limitam seu desenvolvimento dentro das organizações (EZZEDEEN, 2015). Além do mais, Ezzedeem (2015) afirma que é importante analisar o modo como as mulheres são representadas em longas-metragem, pois a percepção da mulher transmitida por essa mídia popular reflete os estereótipos de gênero e as desigualdades vivenciadas por elas (EZZEDEEN, 2015).

Foram identificados outros estudos que analisaram mulheres em contextos de trabalho através de filmes. Elas examinaram filmes como *The Silence of the Lambs* (DUBOIS, 2001), *The Devil wears Prada* (SPIKER, 2012) ou até mesmo reuniram um conjunto de filmes (EZZEDEEN, 2015), porém, não foi encontrada produção anterior que analise o filme *The Iron Lady*, a partir da perspectiva do *tokenism* e *backlash*, o que consiste na lacuna abordada no presente artigo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 GÊNERO E POLÍTICA

Os estudos de gênero buscam conceituar a identidade social, a representatividade e as relações de gênero analisando culturalmente cada indivíduo. Sendo assim, o termo “gênero” se refere às construções sociais e culturais de masculino e feminino, ultrapassando e redefinindo o “ser homem” e o “ser mulher”.

O termo gênero parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual (SCOTT, 1995, p. 72).

Em concordância com Scott (1995), para Bruschini (1998, p. 89), o conceito de gênero seria “princípio que transforma as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais, estruturando a sociedade sobre a assimetria das relações entre homens e mulheres”. Louro (2003, p. 22) por sua vez, diz que o conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são “trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico”. Isso quer dizer que, gênero transcende o

caráter biológico dos sexos atribuindo-lhes caráter social mostrando como se dão as relações entre homens e mulheres ao longo do tempo.

Para Grossi (1998), os estudos de gênero são uma das consequências das lutas libertárias dos anos 1960, movimentos que tinham por intuito a busca por direitos, igualdade e justiça. E é justamente durante esses movimentos e dentro deles que nasce a problemática de gênero, onde os homens assumem o papel de líderes e as mulheres ficam relegadas a cargos inferiores.

Raramente elas eram chamadas a assumir a liderança política: quando se tratava de falar em público ou de se escolher alguém como representante do grupo, elas sempre eram esquecidas, e cabia-lhes, em geral, o papel de secretárias e de ajudantes de tarefas consideradas menos nobres, como fazer faixas ou panfletar (GROSSI, 1998, p. 2).

Na segunda metade do século XX, época em que as revoluções sociais ocorriam por todo o mundo, as diferenças de gênero se tornaram mais evidentes. Foi durante esse período no qual as pessoas buscavam por igualdade e melhores condições de vida, que as mulheres começaram a questionar seus papéis em casa, no trabalho e na política (BLAY, 2001; MARQUES; XAVIER, 2018; ARAÚJO, 2005).

Para Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998), política significa tudo o que se refere à cidade e, conseqüentemente, o que é urbano, civil, público, e até mesmo sociável e social. Sendo assim, pode-se dizer que a política é um conjunto de práticas ou estratégias utilizadas com o objetivo de melhorar a sociedade.

Gênero e Política são duas coisas que juntas podem trazer mudanças significativas para as mulheres. Não é de hoje que elas estão envolvidas na política, porém, sempre atuaram de forma secundária, nos bastidores como assistentes ou secretárias. Hoje as mulheres têm mais espaço na política mas, se comparado aos homens, ainda há poucas nessa área.

Segundo Santos (2017), no Brasil, pouco mais de 10% dos deputados federais são mulheres. Para reverter esse quadro, em 2009 foi criada a Lei nº 9.504/1997, que estabeleceu que cada partido ou coligação deverá reservar pelo menos 30% de suas vagas para as candidaturas de mulheres. Em consequência da norma, o número de candidaturas de mulheres aumentou, porém, o número de votos em mulheres caiu (SANTOS, 2017). Isso quer dizer que mesmo tendo mais mulheres se candidatando a cargos públicos, poucas são eleitas.

Isso se deve a diversos fatores como cultura preconceituosa e discriminatória, barreiras do mercado de trabalho, ou fraudes eleitorais, como por exemplo, diretórios municipais inscreverem mulheres apenas para cumprir a exigência legal de 30% das vagas serem destinadas a mulheres (SANTOS, 2017). Biroli (2010, p. 273) ainda diz que,

O desinteresse pela política, a falta de habilidade para o exercício de cargos públicos e o não pertencimento à esfera política são, assim, conectados em um conjunto de discursos que atendem a uma regularidade sem que se apresentem de forma homogênea. A oposição entre, de um lado, feminino e espaço privado, e, de outro, masculino e espaço público, [...], está na base desses estereótipos, confirmando divisões e hierarquias que colaboram para a marginalização das mulheres da e na esfera política (BIROLI, 2010, p. 273).

Scarelli (2010) afirma que as mulheres ocupam apenas 17% das cadeiras parlamentares e 17% das ministeriais ao redor do mundo. Esse número é ainda menor quando falamos de presidência, apenas 10%. Scarelli (2010) ainda prossegue dizendo que os países com maior representatividade feminina (mais de 40% das cadeiras do parlamento) são Argentina, Cuba, Finlândia, Islândia, Holanda, África do Sul e Suécia.

Segundo o site Isto É Dinheiro (2018), os dados do PMI (Projeto Mulheres Inspiradoras) revelam que 92% dos chefes de governo do mundo são do sexo masculino. A partir desses dados, percebe-se que apesar dos avanços alcançados pelas mulheres nas mais diversas esferas de atuação do mercado de trabalho, o campo político ainda é o menos expressivo.

Lima e Schulz (2014) discorrem que, para atuar no campo político, as mulheres têm de masculinizar seu comportamento para obter respeito quanto às suas decisões. Mendonça e Ogando (2013, p. 137) ainda argumentam que, "a capacidade de expressar traços tidos como masculinos é muito importante na concorrência para cargos mais elevados, como o da presidência". Tem-se que, para alcançar cargos de alta gestão, as mulheres têm de desenvolver características masculinas. Além disso,

Ao ingressar na vida política, uma mulher deve avaliar o quanto vai se conformar às expectativas sobre sua atuação - restringindo-se a áreas de menor prestígio e visibilidade, com menor potencial para agregar capital simbólico - e o quanto vai afrontá-las, sofrendo os ônus vinculados a uma conduta desviante (LIMA; SCHULZ, 2014, p. 11).

Sendo a política uma área dominada por homens, as mulheres que decidem formar carreira nessa área precisam refletir constantemente sobre as vantagens e desvantagens que terão ao longo da vida pois, ao ingressarem em uma área pouco comum a elas, as represálias e discriminações tendem a ocorrer com maior frequência.

## 2.2 TOKENISM E EFEITO BACKLASH

O termo *tokenism* surgiu na década de 1960 e foi usado pela primeira vez por Martin Luther King, nos Estados Unidos, durante o período de forte luta pelos direitos civis dos afro-americanos (FOLTER, 2020). Ainda para a autora, Luther King criticava o *tokenism*, visto que a visão progressista que apresentava era ilusória, não havia diversidade mas sim, uma fuga da acusação de discriminação.

Para Zimmer (1988), *token* ocorre quando um participante adquire permissão para entrar em determinado grupo mas, não participa totalmente do mesmo. O participante tem conhecimento dos requisitos para entrada no grupo mas, não possui as características esperadas por pessoas de dentro desse grupo (ZIMMER, 1988). Isso ocorre com mulheres nas organizações quando alcançam altos cargos de liderança, visto que esses cargos costumam ser ocupados apenas por homens. Atuando em ambientes com predominância masculina essas mulheres tornam-se *tokens*.

O termo também foi usado na literatura sociológica para se referir a pessoas (mulheres ou minorias) que são contratadas, admitidas ou nomeadas para um grupo devido a suas diferenças a fim de comprovar de que não há discriminação dentro do grupo (ZIMMER, 1988). Kanter (1977), em sua pesquisa sobre *tokenism*, afirma que os homens eram os dominantes enquanto as mulheres (*tokens*) eram frequentemente tratadas como representantes de sua categoria, mais como símbolos do que como indivíduos. Nesse sentido, as mulheres ou minorias adentravam o grupo não por suas qualificações ou conhecimento, mas para exemplificar que o grupo é aberto e tolerante.

Em consonância, Kanter (1993) descreve *tokenism* como contexto intergrupar no qual apenas alguns membros qualificados do grupo dominado são aceitos em posições até então normalmente reservadas aos membros do grupo dos dominantes, onde o acesso é geralmente negado à maior parte dos membros do grupo dominado.

Segundo Kanter (1977), o tokenismo transforma as pessoas em ícones representativos, apagando sua individualidade e perpetuando o *status quo*. Outrossim, os *tokens* não fazem parte do grupo, ficam marginalizados e não promovem integração ou inclusão, devido a resistências dos dominantes e falta de percepção das minorias pois, muitas vezes, estes não percebem que se tornaram *tokens* e não se dão conta que não dão abertura para outras pessoas da mesma categoria.

Três grandes consequências do *tokenism* são: a visibilidade distorcida sobre a minoria representada pelo token, a polarização entre grupo e a assimilação que gera estereótipos. A primeira se refere ao fato de o *token* representar a minoria evidenciando inclusão e não discriminação, o que não ocorre. Pelo contrário, as ações públicas em torno do *token* mascaram a discriminação. A segunda, por sua vez, trata-se de o *token* ficar à margem do grupo, sendo mantido isolado dos demais acreditando que sua voz é tão relevante quanto a do grupo dominante quando, na realidade, não o é. A terceira por fim, alude à questão do aprisionamento de papéis, o *token* é distorcido para se ajustar às generalizações pré-existentes sobre a sua categoria ou grupo social, sendo aceito no grupo apenas se agir de acordo com os estereótipos do grupo ao qual pertence (KANTER, 1977).

Santos e Amâncio (2014) apontam que, mulheres *tokens* podem estar menos preocupadas com as consequências negativas associadas a ser o único membro de sua categoria e mais preocupadas em serem percebidas como distintas de seus grupos de trabalho. Nesses casos, há uma tendência dessas mulheres de se afastarem das demais mulheres para que não sejam tidas como diferentes ou sejam excluídas do grupo.

Esses tokens femininos podem tentar evitar situações que destacam seu gênero e os estereótipos negativos associados com isso. Na medida em que a inclusão de outras mulheres no grupo é provável para produzir tais situações, os tokens femininos tendem a conscientemente evitar apoiá-los (SANTOS; AMÂNCIO, 2014).

Em consonância com Santos e Amâncio (2014), Duguid (2011) afirma que *tokens* femininos tendem a não apoiar outras mulheres porque, podem ser uma ameaça de valor em grupos de trabalho de prestígio, isso se deve ao fato dessas mulheres estarem mais preocupadas com seus resultados individuais do que com os resultados de seu grupo de gênero. Buscando minimizar tal ameaça, *tokens* femininos se recusam a apoiar outras mulheres de seu grupo.

Por sua vez, o efeito *Backlash* é um fenômeno que ocorre com mulheres em cargos de liderança, onde elas adquirem características masculinas para entrarem e permanecerem em cargos de alta gestão. Isso acontece por perceberem que características femininas tendem a ser desvalorizadas para cargos de liderança. Nesse sentido, adquirem traços mais masculinizados como para que possam alcançar altas posições dentro das organizações. Rudman (1998) afirma que o efeito *Backlash* é uma reação negativa contra mulheres cujo comportamento viola as normas de gênero.

Conforme Rudman e Phelen (2008), mulheres que apresentam características tidas como de liderança, a exemplo de assertividade, confiança e competitividade, tendem a sofrer represálias (*backlashes*) sendo vistas como socialmente deficientes e desagradáveis tanto por homens como por mulheres. Tal fato é evidenciado nos apelidos usados para se referir a essas mulheres, tais como “mulher dragão”, “machado de batalha”, “dama de ferro” (RUDMAN; PHELEN, 2008).

Em outras palavras, mulheres ambiciosas podem ter que escolher entre ser amadas, mas não respeitadas (exibindo qualidades comuns) ou ser respeitada, mas não apreciada (por exibir qualidades de agente), um dilema não enfrentado pelos homens (RUDMAN; PHELEN, 2008).

Historicamente, características comportamentais de um líder foram atribuídas a homens (Schein et al 1996), sendo menos complexo para eles alcançarem cargos de liderança. Para as mulheres, entretanto, há um preço a se pagar, tanto para o sucesso quanto para o insucesso: a discriminação. Para o primeiro, o preconceito se dá por não agir de modo feminino e o segundo por ser “feminina demais”.

Mulheres candidatas a cargos de liderança que possuem características agênticas e boas qualificações não necessariamente serão contratadas, não porque lhes falta competência mas por serem socialmente desagradáveis (AMANATULLAH; TINSLEY, 2013).

### 3. MÉTODO

O presente artigo foi desenvolvido a partir do método da análise fílmica, que constitui-se por uma análise minuciosa de um filme, atual ou não, sob a luz de determinada temática

escolhida pelo autor ou autora (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994). O filme escolhido para a análise deste estudo foi *The Iron Lady*, título traduzido para o Brasil como *A Dama de Ferro*, visto que ele aborda a participação de uma mulher em cargo de liderança na política. O filme possui 1h45m de duração e se passa na década de 1970, na Inglaterra.

O estudo de abordagem qualitativa centra-se na análise da personagem principal interpretada por Meryl Streep e das personagens com as quais ela interage, suas características, diálogos e os cenários presentes no filme. Para o desenvolvimento da análise, o filme foi assistido três vezes e seu roteiro foi lido quatro vezes, por cada uma das autoras de modo independente. Trechos e cenários pertinentes ao objetivo do artigo foram registrados e postos sob a ótica da temática do artigo a fim de se buscar padrões e evidências para contextualização e interpretação.

Para a análise do filme, as autoras utilizaram notebook e televisão, assistindo de modo livre na primeira vez e partindo para interpretação, a partir da segunda vez. As cenas e diálogos foram selecionados para exemplificar a temática abordada no artigo e o referencial teórico utilizado.

Além disso, a análise qualitativa de conteúdo foi utilizada para o desenvolvimento da seção Resultados e Discussão. Tal análise consiste na utilização de categorias para a redução do material analisado (FLICK, 2008), conforme descrito no Quadro 1.

### Quadro 1: Etapas da Análise Qualitativa de Conteúdo

| <b>Etapas</b>                     | <b>Descrição</b>  |
|-----------------------------------|---|
| Definição do material             | Filme e script do filme <i>Dama de Ferro</i>  |
| Caracterização formal do material | Película cinematográfica e roteiro digital  |
| Análise de qualidade do material  | Relevante pois aborda inserção de uma mulher em um contexto de trabalho predominantemente masculino |
| Direcionamento da análise         | Identificar características do Tokenism e efeito backlash vivenciados pela protagonista             |
| Unidade de codificação            | Cenário, vestimentas e trechos de diálogos  |
| Unidade contextual                | Diálogos completos  |
| Unidade analítica                 | Sequência de cenas  |

|                     |   |
|---------------------|---|
| Interpretação final | Análise final, após apresentação das categorias e subcategorias |
|---------------------|---|

Fonte: Adaptado de Flick (2008)

Tais etapas não são obrigatórias, por isso, é possível utilizar a análise qualitativa de conteúdo com apenas algumas das etapas do procedimento. Unidade de codificação, contextual e analítica são englobadas na etapa chamada de unidades analíticas (FLICK, 2008) e são assim subdivididas para que a codificação seja feita da melhor forma possível.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Dama de Ferro é um filme que narra a vida de uma das mulheres mais famosas e polêmicas da Inglaterra: Margaret Thatcher. O filme franco-britânico do gênero drama biográfico foi lançado em 2011, dirigido por Phyllida Lloyd e roteirizado por Abi Morgan. No filme, Margaret Thatcher (Meryl Streep) é retratada como uma senhora idosa que sofre com problemas de Alzheimer. Durante o filme ela relembra episódios de sua trajetória de sucesso e dificuldades enfrentadas até aquele momento.

**Figura 1: A Dama de Ferro**



Fonte: A Dama de Ferro, 2012

Para que a análise seja entendida com clareza, os resultados foram divididos em categorias e subcategorias que serão expostas no Quadro 2.

#### Quadro 2: Categorias temáticas

| Categorias | Ocorrências temáticas |
|------------|-----------------------|
|------------|-----------------------|

|   |  |
|---|--|
| Traços agency                             | Preferência pela companhia de homens                       |
|   | Impulso de realização                                      |
|   | Postura inflexível   |
| Aproximação dos estereótipos de gênero    | Vestimenta e adereços                                      |
|   | Empatia com outras mães                                    |
| Distanciamento dos estereótipos de gênero | Relutância em se dedicar exclusivamente ao lar e à família |
| Suporte na carreira                       | Alfred Roberts (Pai)                                       |
|   | Denis Thatcher (Marido)                                    |
|   | Airey Neave (Amigo)  |
| Barreiras e desafios na carreira          | Convivência em ambientes predominantemente masculinos      |
|   | Experiências de discriminação de gênero                    |

Fonte: Dados da pesquisa

Na categoria de *traços agency* há três ocorrências temáticas, a primeira delas diz respeito à preferência pela companhia de homens e pode ser percebida logo nas primeiras cenas do filme onde Margaret, em um jantar em sua casa, sua filha Carol tenta tranquilizá-la de que elas se sairão bem no jantar apesar da maioria masculina à mesa, mas Margaret responde que sempre preferiu a companhia de homens. Tal fato também é visto na cena do jantar de Dartford, quando Margaret reluta em se separar da companhia dos homens para se juntar às outras mulheres presentes no evento.

**Figura 2: Preferência por companhia masculina**



**Fonte:** A Dama de Ferro, 2012

A segunda ocorrência temática (impulso de realização), por sua vez, é vista em três momentos do filme: Primeiro, na cena do jantar em Dartford no primeiro diálogo de Margaret em que ela diz:

O que eu acho é que um homem deve ser encorajado a permanecer em seus próprios pés. Sim nós ajudamos pessoas é claro, mas para aqueles que podem fazer, ele devem apenas se levantar e fazer. E se algo está errado, eles não deveriam apenas reclamar sobre isso, eles deveriam entrar lá e fazer algo sobre isso, mudar as coisas (A DAMA DE FERRO, 2012).

**Figura 3:** Jantar em Dartford



**Fonte:** A Dama de Ferro, 2012

Depois, quando Margaret se aprontava para um evento na cena na sala de desenho e, ao mesmo tempo, discutia com seus colegas de gabinete:

Eu não espero que todos apenas sentem-se lá e concordem comigo. Mas que tipo de líder eu sou se eu não tentar seguir meu próprio caminho – para fazer o que eu sei ser certo (A DAMA DE FERRO, 2012).

E por fim, na cena da reunião com os membros do Parlamento, quando Margaret decide ir à guerra pela Ilha das Malvinas. Todas essas cenas revelam um comportamento voltado para tarefa - impulso de realização, persistência e iniciativa (FARIA; MENEGHETTI, 2011). Este não era um comportamento esperado em mulheres, principalmente em mulheres da época de

Margaret que até então tinham um papel coadjuvante na sociedade (SCHEMES; DOBLER, 2015).

**Figura 4: Guerra das Malvinas**



**Fonte:** A Dama de Ferro, 2012

Na terceira e última ocorrência temática da categoria traços *agency*, temos postura inflexível, traço percebido em diversas cenas e diálogos do filme. Quando Margaret discute com os membros de seu gabinete na cena da sala de desenho, e quando Margaret decide ir à guerra pela Ilha das Malvinas, esse traço fica claramente em evidência mostrando que em cada discussão e tomada de decisão a palavra final é sempre dada por Margaret. Outra cena em que esse traço se destaca é quando Margaret encerra uma reunião com os membros de seu gabinete abruptamente devido ao despreparo de seu colega Geoffrey.

**Figura 5: Humilhação de Geoffrey**



**Fonte:** A Dama de Ferro, 2012

Postura inflexível costuma ser considerada um traço masculino. Mulheres que apresentam características masculinas tendem a serem consideradas socialmente desagradáveis (RUDMAN; PHELEN, 2008), tal situação é representada nas cenas citadas acima revelando a presença do Efeito *Backlash*.

Tenta redigir um parágrafo que faça um fechamento da temática traços *agency*, retoma as ocorrências temáticas e como elas se encaixam com tokenism e efeito *backlash*, citando as referências que já foram usadas no referencial teórico do manuscrito.

A segunda categoria listada é a *aproximação de estereótipos de gênero*, que aponta cenas em que Margaret apresenta características femininas. Na primeira ocorrência, vestimenta e adereços, três situações se destacam: i) Margaret sempre usa *tailleur* em tons vibrantes enquanto os demais personagens e membros do Parlamento sempre usam calça e terno em tons escuros; ii) o cuidado com o cabelo e uso constante de um salto baixinho profissional, denotando sua feminilidade e sua preocupação de nunca deixar de ser ela mesma, ainda que convivendo com tantos homens diariamente; iii) cena da reunião no escritório de Reece na qual Margaret diz:

Senhores, estou em suas mãos. Eu posso ser persuadida a entregar o chapéu, mas, as pérolas foram um presente do meu marido no nascimento dos nossos gêmeos e elas são absolutamente não negociáveis (A DAMA DE FERRO, 2012).

**Figura 6: Os gêmeos**



**Fonte:** A Dama de Ferro, 2012

Na segunda ocorrência desta categoria uma cena se destaca: Margaret em seu escritório no Parlamento recebendo o resultados das baixas da Guerra das Malvinas decide escrever às mães dos soldados que faleceram. A essa ação ela diz: “Como a única primeira-ministra na história de nosso país que também é mãe e tem um filho meu, posso imaginar sua agonia e sua dor”. São poucos os momentos em que Margaret apresenta características femininas pois, mulheres *tokens* tendem a evitar situações que destacam seu gênero (SANTOS; AMÂNCIO, 2014).

**Figura 7: Carta as mães dos soldados mortos**



**Fonte:** A Dama de Ferro, 2012

Na categoria *distanciamento de estereótipos de gênero* elencam-se cenas em que Margaret opta por se dedicar ao trabalho em detrimento do lar e da família. Na cena em que Denis pede Margaret em casamento, ela diz:

Eu te amo muito, mas... Eu nunca serei uma daquelas mulheres Denis – que fica quieta e bonita no braço de seu marido. Ou remota e sozinha na cozinha lavando louça para esse assunto (A DAMA DE FERRO, 2012).

**Figura 8: O pedido de casamento**



**Fonte:** A Dama de Ferro, 2012

E completa com: “Não, a vida de alguém deve importar, Denis. Além de cozinhar, limpar e cuidar das crianças, a vida de alguém deve significar mais do que isso. Eu não posso morrer lavando uma xícara de chá”. Na cena em que Margaret senta-se em frente a TV de sua casa e assiste a um fita de cassete de momentos de lazer com sua família quando seus filhos ainda eram crianças, esse distanciamento também fica evidente. Os gêmeos brincam, Denis joga golf e Margaret trabalha cercada de papéis na praia. Análogo a essa situação tem-se a cena do Grand Hotel onde Denis pede a Margaret para ir dormir pois já eram quase três da manhã. A essa hora Margaret trabalhava em seu discurso. O forte engajamento com o trabalho não é uma característica associada às mulheres e, portanto, há um distanciamento de estereótipos de gênero nas cenas mencionadas.

**Figura 9: Trabalhando na praia**



**Fonte:** A Dama de Ferro, 2012

Na categoria *suporte na carreira* três ocorrências temáticas foram definidas e se referem a personagens que no filme se mostraram como apoiadores e incentivadores de Thatcher para sua inserção na política e seu desenvolvimento profissional nesse contexto. A primeira delas é Alfred Roberts, pai de Margaret. Alfred foi prefeito de Grantham, cidade onde moravam e foi o pilar para o ingresso de Margaret na carreira política. Duas cenas que se destacam é quando Alfred discursa em Grantham para vários jornalistas e Margaret olha fascinada para seu pai e quando Margaret recebe a carta de Oxford para ingressar na universidade e Alfred incentiva e olha orgulhoso para ela.

**Figura 10: Alfred Roberts**



**Fonte:** A Dama de Ferro, 2012

A segunda ocorrência temática é Denis Thatcher, marido de Margaret. Ele a ajudou nos afazeres domésticos e a cuidar dos filhos enquanto Margaret se engajava na política. Denis também a ajudou a entrar no Partido Conservador e a apoiou em toda a trajetória de sua carreira. A cena que mais destaca esse apoio é quando Denis pede Margaret em casamento e ele diz:

Em seus olhos. Uma simples filha de quitandeiro. Mas se você fosse se tornar a esposa de um empresário de moderado sucesso... Você chegaria ao parlamento, e eu seria o homem mais feliz onde quer que eles coloquem você (A DAMA DE FERRO, 2012).

**Figura 11: Vitória de Margaret**



**Fonte:** A Dama de Ferro, 2012

Na terceira e última ocorrência desta categoria tem-se Airey Neave, amigo e colega de trabalho de Margaret. Seu apoio, assim como Denis, é apresentado em vários momentos do filme, mas, uma cena se destaca: no escritório de Reece ele fala:

Com todo respeito Margaret, eu discordo. Se quiser mudar o partido, lidere-o. Se quiser mudar o país, lidere-o. O que estamos falando aqui hoje é superficial. O que é crucial é que você mantenha seu curso, e mantenha-se fiel a quem você é. Nunca seja nada além de você mesma (A DAMA DE FERRO, 2012).

**Figura 12: Reece e Neave**



**Fonte:** A Dama de Ferro, 2012

Neave não só apoiou como incentivou Margaret a fazer mudanças em sua aparência e a melhorar suas voz para que alcançasse o cargo de Primeira-Ministra. Atendendo a sugestão, Margaret pintou o cabelo e remodelou-o e fez sessões de fonoaudiologia para melhorar suas voz. Tais mudanças foram um sucesso atingindo o objetivo estipulado.

Esses três homens, de modos diferentes mas igualmente importantes, incentivaram e acompanharam Margaret ao longo de sua carreira política.

Na categoria *barreiras e desafios na carreira*, há várias cenas no filme que comprovam a primeira ocorrência temática, que diz respeito à convivência em ambientes predominantemente masculinos, são elas: Margaret na sala de entrada de sua casa cercada por homens; chegada de Margaret no Parlamento Britânico sendo levada no mar de sapatos masculinos Oxford; Margaret e os membros de seu gabinete reunidos para a foto em grupo na sala de desenho, ela ao centro rodeada por homens; Margaret em Paris caminhando pelo grande salão ladeada por 34 presidentes e primeiros-ministros de todo o mundo, todos homens.

**Figura 13: Predominância masculina**



**Fonte:** A Dama de Ferro, 2012

A essa situação percebe-se a presença de *tokenism*, Margaret teve acesso a um grupo predominantemente masculino, manteve o status quo pois, não incentivou nem contribuiu para entrada de outras mulheres na política e tornou-se um símbolo (KANTER, 1977) para outras mulheres, fato evidenciado na cena do jantar na casa de Margaret onde uma convidada lhe diz:

Eu ouvi você falar na conferência em 1984 em Brighton logo após o IRA ter bombardeado o Grand Hotel. Você foi notável. Eu espero que você aprecie que você tem sido uma inspiração para mulheres como eu (A DAMA DE FERRO, 2012).

Na segunda ocorrência temática desta categoria apresentam-se cenas de experiências de discriminação que Margaret viveu ao longo de sua carreira. Margaret sentada no sofá de sua casa assistindo uma reportagem sobre si mesma, o repórter cita: "... apelidada carinhosamente pelos soviéticos de A Dama de Ferro..."; no jantar em Dartford, no início de sua carreira, Margaret expressa suas opiniões sobre política, os homens riem e as mulheres a olham com suspeita; No primeiro dia de Margaret no Parlamento Britânico ela visita a ala feminina, uma sala minúscula com uma mesa de passar; na Câmara dos Comuns quando Margaret ainda era Secretária de Educação houve um dos membros da oposição gritar: "Acho que a excelentíssima senhora grita demais. Se ela quer que a levemos a sério, ela deve aprender a se acalmar!" E também, em seu escritório no Parlamento, quando Margaret tomava decisões sobre a Guerra das Malvinas e se posicionou em relação a um comentário do General Haig (EUA): "Com todo

o respeito, senhor, batalhei todos os dias da minha vida e muitos homens me subestimaram antes. Este grupo parece destinado a fazer o mesmo, mas eles vão lamentar o dia”.

Para alcançar e se manter no cargo de primeira-ministra Margaret assumiu características tidas como masculinas, sendo discriminada por violar normas de gênero (RUDMAN, 1998). O apelido, o traços masculinos e a discriminação vinda tanto de homens quanto de mulheres comprovam a presença do Efeito Backlash (RUDMAN; PHELEN, 2008).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de gênero buscam entender as relações entre homem e mulher, como são construídas, percebidas e encaradas histórico e socialmente. O conceito de gênero surgiu com o intuito de compreender a identidade, as camadas culturais e as diferenças entre homens e mulheres.

As mulheres sempre estiveram presentes na política, porém em atividades secundárias, como secretária e propagandista enquanto os homens eram destinados aos cargos públicos. Entretanto, com o passar dos anos as mulheres adquiriram direitos políticos e puderam votar, se candidatarem e serem eleitas, adentrando no campo político e alcançando novos postos de trabalho. Apesar do progresso, ainda são poucas mulheres que são eleitas no Brasil e no mundo tanto pela discriminação quanto barreiras existentes na área.

Quando alcançam cargos de liderança no campo político, as mulheres tendem a assumir características masculinas a fim de legitimarem suas decisões dando início ao Efeito *Backlash*. São agressivas, confiantes e competentes porém, socialmente desagradáveis e difíceis de lidar. Outrossim, tendo poucas mulheres em cargos públicos, algumas delas acabam por se tornarem símbolos (tokens). Ficam à margem de seus grupos políticos, repelem ou se recusam a ajudar outras mulheres a entrarem ou crescerem na área criando o fenômeno *Tokenism*.

O objetivo deste estudo foi analisar comportamentos em torno de mulheres *tokens* na política a partir do filme "A dama de ferro". Para tal foi feita uma análise em torno da personagem Margaret Thatcher buscando identificar comportamentos que evidenciam a presença do fenômeno *Tokenism*.

Não só há comportamento *token* como também foi identificado o Efeito *Backlash*. Thatcher apresenta características masculinas, falta de interesse em estimular outras mulheres a entrarem na carreira política, há uma polarização no grupo de membros do Parlamento, além

de ter se passado mais de uma década com Thatcher sendo a única mulher no Parlamento Britânico, o que indica *Tokenism* e Efeito *Backlash*.

Por fim, este artigo contribuiu para identificar a presença de fenômenos que ocorrem com mulheres em cargos de liderança no campo político. É uma abordagem inicial sobre fenômenos pouco estudados no Brasil e, principalmente, na área política promovendo a abertura de novas pesquisas tanto sobre esse fenômenos e barreiras que surgem a elas em cargos de gestão, quanto sobre mulheres na carreira política. As limitações deste artigos foram a base de dados pequena, visto que há poucos escritos sobre os fenômenos apresentados e o fato da mesma ser em outro idioma, o que dificultou o entendimento e o desenvolvimento do estudo.

## REFERÊNCIAS

A DAMA DE FERRO. Direção: Phyllida Lloyd. Roteiro: Abi Morgan. Estados Unidos da América. Pathé, Film4 Productions, UK Film Council, Goldcrest Films. 2012. DVD.

AMANATULLAH, Emily T.; TINSLEY, Catherine H. Punishing female negotiators for asserting too much... or not enough: Exploring why advocacy moderates backlash against assertive female negotiators. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 120, n. 1, p. 110-122, 2013.

AMORELLI, María-Florencia; GARCÍA-SÁNCHEZ, Isabel-María. Critical mass of female directors, human capital, and stakeholder engagement by corporate social reporting. **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, v. 27, n. 1, p. 204-221, 2020.

ANDRADE, Denise A. MACHADO, Mônica S. Participação política das mulheres: desafios para a equidade. **Revista Jurídica da FA7**, v. 14, n. 2, p. 43-64, 2017.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**, vol. 17, núm. 2, 2005, pp. 41-52. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio De Janeiro.

BLAY, Eva Alterman. 8 de março: conquistas e controvérsias. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 601-607, 2001.

BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BIROLI, Flávia. Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos. **Cadernos Pagu**, n. 34, p. 269-299, 2010.

**Brasil ocupa 161º lugar em ranking da presença das mulheres no Poder Executivo.** Isto É Dinheiro. 23 de ago. de 2018. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/brasil-ocupa->

161-lugar-em-ranking-da-presenca-das-mulheres-no-poder-executivo/. Acesso em: 18 de mar. de 2021.

BRUSCHINI, Cristina; ARDAILLON, Danielle (1998), Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

COELHO, Leila M. BAPTISTA, Marisa. La historia de la inserción política de la mujer en Brasil: una trayectoria del espacio privado a lo público. **Revista Psicología Política**, v. 9, n. 17, p. 85-99, 2009.

CORRELL, Shelley J. et al. Inside the black box of organizational life: The gendered language of performance assessment. **American Sociological Review**, v. 85, n. 6, p. 1022-1050, 2020.

DUBOIS, Diane. 'Seeing the Female Body Differently': Gender issues in The Silence of the Lambs. **Journal of Gender Studies**, v. 10, n.3, p. 297-310, 2001.

DUGUID, Michelle. Female tokens in high-prestige work groups: Catalysts or inhibitors of group diversification?. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 116, n. 1, p. 104-115, 2011.

EZZEDEEN, Souha R. Portrayals of career women in Hollywood films: implications for the glass ceiling's persistence. **Gender in Management: An International Journal**, v. 30 No. 3, pp. 239-264, 2015.

FARIA, José H. MENEGHETTI, Francis K. Liderança e Organizações. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 93-119, jul./dez. 2011.

FERNANDES, Camilla. LOURENÇO, MARIANE L. FROHLICH, Samantha. SILVA, Diogo E. KAI, Flávia O. Mulheres na política: emoções e desafios em dinâmicas institucionais complexas. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, n. 4, p. 1071-1081, 2020.

FISCHER, Tânia. DAVEL, Eduardo. VERGARA, Sylvia. Ghadiri, Philip D. Razão e sensibilidade no ensino de administração: a literatura como recurso estético. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 5, p. 935-956, 2007.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Artmed editora, 2008.

FOLTER, Regiane. **O que é tokenismo?** Politize. 14 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/tokenismo/>. Acesso em: 11 de novembro de 2020.

GROSSI, Miriam P.. **Identidade de gênero e sexualidade**. 1998.

ITAQUY, Antônio C. O. **Nísia Floresta: ousadia de uma feminista no Brasil do século XIX**. 2015.

KANTER, Rosabeth M. **Men and Women of the Corporation** (2.<sup>a</sup> ed.), Nova Iorque, Basic Books, 1993.

KANTER, Rosabeth M. Some Effects of Proportions on Group Life: Skewed Sex Ratios and Responses to Token Women. **American Journal of Sociology**. v. 82, n° 5. Pág. 965-990, 1977. Acesso em: 11 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2777808>

LIMA, Juliana M. SCHULZ, Rosângela M. **Política e gênero: uma discussão teórica sobre a participação da mulher na política brasileira**. III Seminário Internacional de Ciências Sociais. 2014.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**. 6° ed. Editora Vozes. Petrópolis. 2003.

MARQUES, Melanie C. XAVIER, Keller. L. **A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil**. VI Seminário Cetros. 2018.

MATUOKA, Ingrid. **Nísia Floresta: a primeira educadora feminista do Brasil**. Centro de Referência em Educação Integral. 21 de junho de 2017. Acesso em: 27 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/nisia-floresta/>

MELO, Hildete P. MARQUES, Teresa C. N. Partido Republicano Feminino. **Revista historia de la educación latinoamericana**, v. 18, n. 26, p. 315-321, 2016.

MENDONÇA, Ricardo F.; OGANDO, Ana C.. Discursos sobre o feminino: um mapeamento dos programas eleitorais de Dilma Rousseff. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 83, p. 195-216, 2013.

NEVES, Daniel. **Política**. Brasil Escola. 2020? Acesso em: 18 de outubro de 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/politica>

OLIVEIRA, Ana V. A. ARAÚJO, Marley R. M. O elegante controle do trabalho em “O Diabo veste Prada”. **Scientia Plena**, 2017.

OLIVEIRA, Laís P. R. CASSAB, Latif A. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. 2014.

PANAYIOTOU, Alexia. ‘Macho’ managers and organizational heroes: competing masculinities in popular films. **Organization**, v. 17, n. 6, p. 659-683, 2010.

RUDMAN, Laurie A. Self-promotion as a risk factor for women: the costs and benefits of counterstereotypical impression management. **Journal of personality and social psychology**, v. 74, n. 3, p. 629, 1998.

RUDMAN, Laurie A.; PHELAN, Julie E. Backlash effects for disconfirming gender stereotypes in organizations. **Research in organizational behavior**, v. 28, p. 61-79, 2008.

SANTOS, Bruno C. **5 dados sobre a participação das mulheres na política brasileira**. Política. 17 de março de 2017. Acesso em: 18 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/participacao-das-mulheres-na-politica-brasileira/>

SANTOS, Maria H. AMÂNCIO, Lígia. Sobre Minorias em profissões marcadas pelo gênero: consequências e reações. **Análise Social**, n. 212, p. 700-726, 2014.

SCARELLI, Thiago C. **Mulheres ainda representam menos de 17% dos altos cargos políticos do mundo.** UOL. 31 de outubro de 2010. Disponível em: <https://eleicoes.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/10/31/mulheres-ainda-representam-menos-de-17-dos-altos-cargos-politicos-do-mundo.jhtm>. Acesso em: 18 de outubro de 2020.

SCHEIN, Virgínia E. MUELLER, Ruediger. LITUCHY, Terri. LIU, Jiang. **Think manager - think male: a global phenomenon?**. Journal of Organizational Behavior. v. 17, p. 33-41. 1996.

SCHEMES, Claudia; DOBLER, Graziela. A representação da mulher nos anos 1940 em Novo Hamburgo/RS. **Revista Conhecimento Online**, v. 2, p. 3-13, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n° 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SPIKER, Julia. Gender and power in the Devil Wears Prada. **International Journal of Business, Humanities and Technology**, v. 2, n. 3, p. 16-26, 2012.

VANOYE, F. GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio Sobre Análise Fílmica**. 2° ed. 1994.

YUKIZAKI, Lizya M. G. **Direito das mulheres e igualdade de gêneros: efetividade até que ponto?** 2014.

ZIMMER, Lynn. 1988. Tokenism and women in the workplace: The limits of gender-neutral theory. **Social Problems**, v. 35 No. 1, p. 6